

HOMOFOBIA

O que nós chamamos de racismo, preconceito, homofobia tem suas raízes plantadas no nosso subconsciente desde cedo. O nosso cérebro interage com as atitudes que nos são apresentadas de formas que podem ser intencionais ou não intencionais, construindo uma imagem ruim do que é estranho, do que é diferente, isto é, um pré-conceito sobre aquilo desconhecemos.



PRISMA

SUMÁRIO

2

EDITORIAL

3

REPORTAGEM DE CAPA

8

TABU

11

VIÉS INCONSCIENTE

13

ENTREVISTA

16

FILMES E AFINS

EDITORIAL

A diversidade sexual é uma coisa bonita, charmosa, calorosa que tenta conviver sossegadamente com a sociedade. Porém, é sufocada com tantos abusos psicológicos e físicos. Esses abusos são concretamente realizados por pessoas que percebem que essa forma de tratamento é normal e percebem isso na infância de forma inconsciente ou intencional.

Num contexto histórico, seus pais e seus avós também foram dissuadidos da mesma forma. De certa forma, o preconceito está enraizado na nossa sociedade, e felizmente temos, mesmo que não seja maioria, uma frente que luta por isso, seja nas ruas, nas redes sociais e na política. E a luta é contra esse pensamento “moderno”, sim, moderno. Moderno, pois, até alguns milênios atrás, a prática homossexual fazia parte dos relacionamentos sociais da sociedade na época.

Com o cenário político atual, nota-se que a nossa “querida bancada evangélica” faz de tudo para dificultar a manifestação e cumprimento dos deveres morais dos cidadãos, que são o respeito ao próximo, liberdade de expressão e também do próprio corpo. Duas grandes ações que causariam um impacto na sociedade eram a implementação do Kit Gay nas escolas, que independente da qualidade do material, traria uma grande conscientização para o local onde é formado seu pensamento crítico. A outra ação era a PLC-122, que atualizaria a lei contra o Racismo atual, abrangendo as injúrias morais e físicas sofridas pelo público LGBT. Infelizmente tudo isso foi deixado de lado, por uma frente política que deveria seguir a constituição laica do país.

Enquanto o público LGBT sofre todo o tipo de agressão todos os dias, nas ruas, escola e até em casa, os que deveriam nos representar e nos guiar por um caminho rumo ao cumprimento de leis e igualdade, visando o melhor da população, eles estão só estão sendo privilegiados com seus grandes cargos, cuja a corrupção consegue se infiltrar facilmente.

Do outro lado da moeda, tem os que lutam a favor da igualdade social e de gênero, conseguindo micro vitórias ao longo do longo e árduo trabalho realizado pelas instituições e movimentos que tentam manter seu objetivo de construir uma sociedade livre de preconceitos, que no momento não criminaliza essas atitudes infames.

A nossa revista irá justamente focalizar nesses aspectos do preconceito, como se forma e como é implantado na sociedade, não deixando de falar também que ele está, fortemente, sendo combatido com todas as formas possíveis. Sendo um aliado forte, os veículos de comunicação também exercem uma grande ajuda na causa, tanto nos cinemas, teatro, músicas e até canais do YouTube. Não importa como, mas ajuda a acabar com essa covardia.

Arthur Rocha Vieira – *Editor Chefe*

Evelin G. Steiger – *Jornalista Cultural*

Isabela Coimbra – *Fotógrafa / Redatora*

Antonio Franklin L. de Oliveira – *Colunista*

Bárbara Drumond de Lannes – *Revisora*

Bruno Rocha Tardin – *Designer Gráfico*

Shirle Barbosa – *Repórter*

Edimarcos Velasque – *Colunista*

Lucas Linhares – *Colunista*



HOMOFOBIA

Muitos brasileiros se dizem isentos de preconceito, no entanto, instintivamente, agem de forma contrária.

Nas sociedades contemporâneas, existe uma especialização das relações humanas tão forte que até o preconceito especializou-se (homofobia, racismo, transfobia, sexismo e etc.). Neste texto trataremos a homofobia, por considerá-la delicada, haja vista o debate moral que se tem feito, bem distante das questões legais pleiteadas pela comunidade LGBT.

Os indícios de homoafetividade e transexualidade foram registrados por meio de pinturas rupestres, utensílios achados por arqueólogos e até corpos sepultados juntos indicando que houve algum tipo de prática sexual naquela época. Antigos povos como Egípcios, Gregos e Romanos viam com normalidade essas práticas e não havia um alvoroço diante disso como hoje. Outras culturas também compartilhavam do mesmo pensamento. Como povos Sul-americanos, alguns Africanos e até da Oceania.

Na segunda década do século XX, qual a razão de as pessoas não reconhecerem a igualdade de direito entre os seres humanos e aceitarem umas às outras, tendo certeza de que são iguais em direitos e deveres? A pessoas não pensão assim, pelo menos a maioria delas ou uma minoria fortificada. Muitas delas têm um senso de superioridade e até um desprezo que certamente foi adquirido durante sua vida por influência.

Há em nosso país um nicho político muito específico, denominado “Bancada Evangélica”, mesmo, quantitativamente, sendo minoria, está a cada dia que passa, tornando-se maioria política. Tal bancada foi responsável pelo bloqueio do envio do KIT Contra a Homofobia nas escolas, organizado pelo ministério da educação no ano de 2011. Em que pese a qualidade ou não do material, vetá-los não seria uma opção, pois os gays são assassinados e espancados todos os dias. Ver na gráfico na página seguinte.

O ser humano aprende a maioria das coisas que leva para a vida ainda na infância a na adolescência, quando lhe é demonstrado como viver. A violência acontece muitas vezes em casa, nas ruas, mas e também nas escolas, no período em que a identidade sexual é formada. Deste modo, dentro do âmbito escolar acontece boa parte da violência contra público LGBT. Lembra quando nós falamos que o ser humano é ensinado o que é certo e errado?

HOMOFOBIA

Nas escolas brasileiras



FONTES: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO/FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FEA-USP)/UNESCO

IDENTIDADE

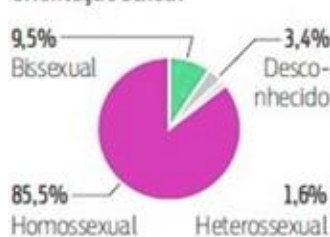
Veja o perfil das vítimas de homofobia do país e dos suspeitos pela violência:

Vítimas

Sexo biológico



Orientação sexual



Relação com as vítimas



Agressores

Sexo biológico



Principais violações (em %)



Local de ocorrência



Fonte: Secretaria de Direitos Humanos. Infografia: Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo

O desrespeito no ambiente escolar é um grande contraponto que afeta a afirmação da diversidade sexual. A imagem idealizada de homem viril, agressivo, com noções hierarquizadas que deve ser mantida pelos meninos e de mulheres sexys, atraentes e futuras donas de casa, estão na contramão da convivência com pessoas que têm opções sexuais diferentes.

Sobre isso, a Diretora do Sepe (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação), professora Eliza Henriques Martins, 43 anos, que é lésbica, confirma que os professores não estão preparados para as situações de conflito geradas pela homofobia. “É esse despreparo que permite que a homofobia siga agravando não só o problema da evasão escolar, como também o do aumento da violência nas escolas, que já está saindo do controle dos professores e diretores”.

Ainda de acordo com Eliza Martins, o índice de evasão escolar de LGBT chega a 20%. Segundo uma pesquisa feita pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA-USP), 87% da comunidade escolar tem algum grau de homofobia, sendo um dos principais motivos de evasão escolar LGBT. Ainda de acordo com a FEA-USP, 27% de homossexuais e bissexuais já sofreram de algum preconceito na escola.



Fonte: Sapatomica

A travesti Roberta, 26 anos, relata que saiu da escola no 2º ano do Ensino Médio após um professor debochar do fato de ele ser homossexual durante uma aula. “Ele vivia jogando piadinhas, fazendo insinuações maldosas a respeito da sexualidade, mas nunca tinha sido direto. Certo dia eu me cansei e lhe perguntei o que tinha contra os gays. Ele se assustou, disse ‘nada’, mas começamos a discutir até que ele me mandou sair da sala. Envergonhada, saí e nunca mais voltei”, conta Roberta.

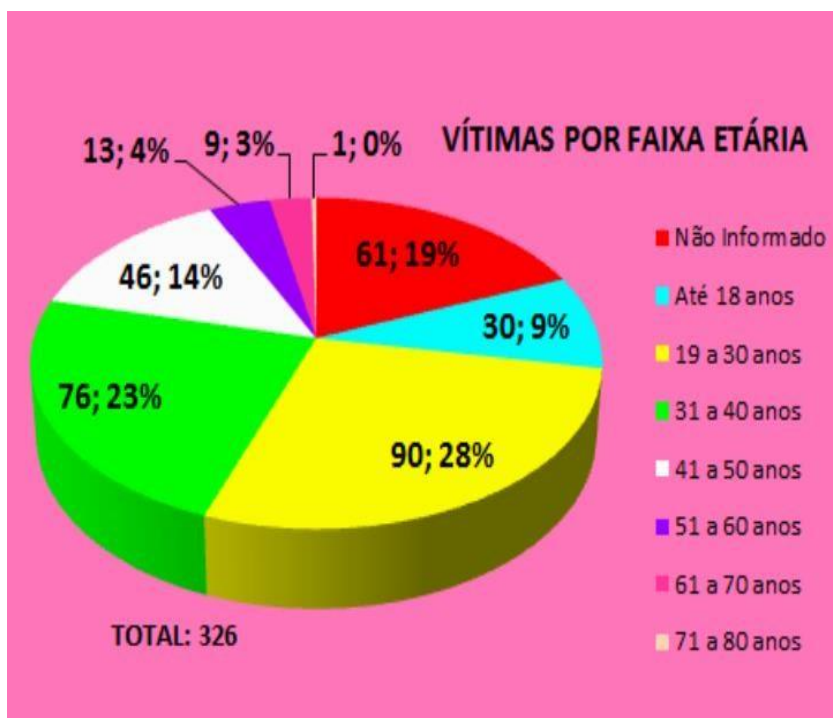
Outro relato é de Felipe Sanches, 18 anos. Aluno do 3º ano do Ensino Médio, escola pública de Nova Iguaçu. Depois que assumiu sua homossexualidade, perdeu a conta de quantas vezes brigou na escola. “Nunca tinha discutido no colégio até assumir que era gay. Mas depois as provocações começaram. Na maioria das vezes até faço de conta que não é comigo. Mas às vezes o sangue ferve e aí fica impossível não reagir. Quando vejo já parti para briga”, confessa Felipe, que já pensou em abandonar a escola por causa do preconceito.

A escola deveria cumprir seu papel de instância fortalecedora da democracia e tomando um posicionamento mais firme quanto as diferenças de gênero e de sexualidade. Isso poderia transformar o espaço escolar e um local, fazendo com que essas pessoas se sentissem mais acolhidas. A situação atual não é a esperada, pode em vista uma sociedade que já superou seu passado escravocrata. Muitos ainda pensam que isto é utopia, mas há sim um jeito de fazer isso. Esse jeito é a distribuição de material educativo que se aproxime de questões de ideologia de gênero, dando relevo para uma visão que defende que o nascimento não necessariamente impõe o gênero do indivíduo, sendo questão de livre escolha e que pode ser facilmente mudada a qualquer momento. Uma poderosa forma de enfrentar esse problema é através de debates nas escolas

A introdução desse material, com certeza, traria um impacto na comunidade mais conservadora, mas em nossa opinião, isso não é nada mais do que uma conscientização. Estamos convivendo com pessoas iguais a nós, não com animais que são dignos que rejeição.

No cenário político atual, vemos que a batalha travada por direitos é árdua. Na mesma liguagem de Felipe, O prefeito Nelson Bornier (PMDB) sancionou uma lei que proíbe, nas escolas, distribuição, exposição e divulgação de material sobre diversidade sexual. Estão vetados livros, vídeos, faixas ou cartazes com “orientações sobre prática da homoafetividade, combate à homofobia e direitos dos homossexuais”. Logo na baixada, onde todos os dias, ao menos um travesti é vítima de violência, segundo dados do Centro de Referência LGBT. O preconceito alimenta a violência.

No Brasil, um estudo feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) contabilizou as mortes de LGBT por ano. Esse estudo apontou que no ano de 2012, houve 388, no ano de 2013 foram 313 e no ano de 2014 foram 326, em média, um assassinato LGBT a cada 27 horas.



Dessas mortes, no ano de 2014, 9% eram menores de 18 anos. Ainda estavam na escola, ou evadiram por questões discriminatórias. Quando se analisa o gráfico, se vê que a maioria dos mortos (28%), tinha de 19 a 30 anos.

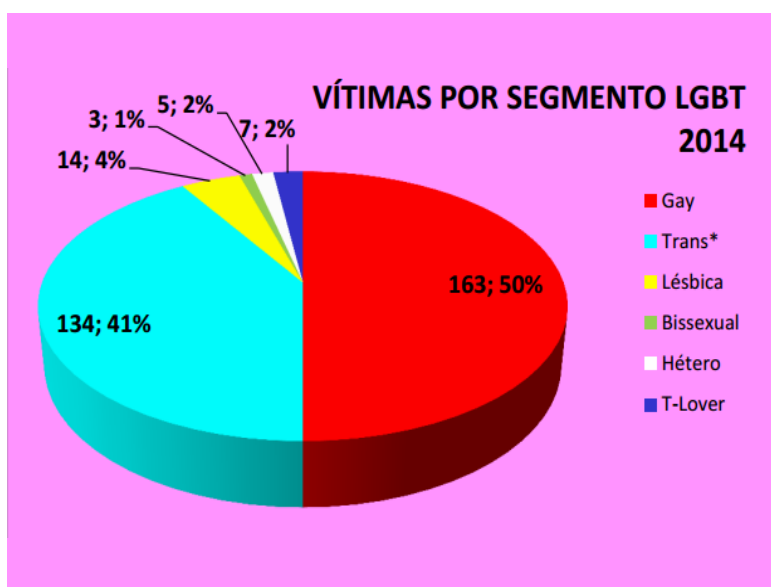
Talvez essas pessoas não deixaram de estudar por causa do preconceito que sofriam e foram para a universidade. E se na universidade, esse inferno que eles sofriam no ensino médio e fundamental continuasse frustrando suas esperanças de que quando se mudasse de local de estudo ou cidade, será que tudo seria melhor e diferente?

Não podemos saber isso, pois eles estão mortos. Ou seja, o Brasil está permitindo que sua juventude seja assassinada em prol de um censo moral deturpado. Como no caso em que quatro menores e um adulto agrediram com lâmpadas fluorescentes três rapazes que saíam de uma casa de shows no ano de 2010 na cidade de São Paulo, SP. "Pensei que ia morrer" disse um deles. Tudo isso porque pensaram que eles eram homossexuais.

No gráfico ao lado, vemos a confirmação dos fatos. Metade das vítimas do segmento LGBT são homossexuais, logo em seguida, os trans*. No momento que conhecemos a realidade da nossa sociedade atual mostrando os tipos de preconceitos que as pessoas sofrem e suas motivações, talvez fiquemos pensando se há alguém apoiando essas pessoas. Há alguém ou uma entidade que pode lutar pelos direitos dessas pessoas? Há sim, várias pessoas. Na política, nos movimentos sociais e estudantis. Movimentos que lutam pelos seus direitos.

Temos como exemplo o movimento LGBT, com objetivo conscientizar as pessoas das diferenças, e da importância do respeito entre elas. Temos também o GGB (Grupo Gay Brasil), ambos estão na luta há muitos

anos, compostos por pessoas que acreditam na mudança do país que afirmam seu direito e lugar na sociedade. Que acreditam que um dia o Brasil deixará de ser homofóbico e tornar-se muito mais tolerante. Já conseguiram que seus direitos comecem a serem atendidos e também que afrontas sejam barradas. A cura gay, um projeto de uma subcelebridade e na época presidente da CDH, chamada Marcos Feliciano, ficou no papel, graças a reação que as pessoas tiveram nas ruas e nas redes, durante os protestos de 2013.



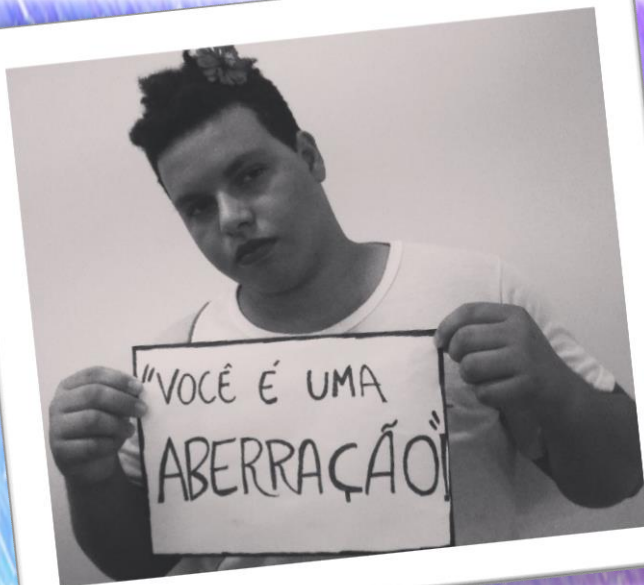
Fonte dos gráficos: Grupo Gay Brasil

A união estável também não pode ser mais barrada nos cartórios do Brasil, desde 2013. Isso não é nada ainda, podem pensar que o gay militante morrerá e o gay conservador nascerá, mas tentar limitar a possibilidade de relação entre os indivíduos na forma física e psicológica só irá incentivar a luta para direitos iguais.

Ter relações com qualquer pessoa é uma escolha do ser humano. Independentemente de seu sexo e gênero. A prática de “ensinar” o que é certo ou errado, vem cheia de pequenos detalhes que são certamente direcionados para o subconsciente, sem ninguém perceber.

No Brasil, um país muito diverso em cores, culturas, pessoas e religiões. É um absurdo que haja tamanha demonstração de repúdio contra cidadãos que formam todo esse aglomerado. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, sofrem diariamente com ataques físicos e morais. Eles sofrem apenas por nascerem com orientações sexuais ou gênero diferente de que você foi imposto por pessoas ou grandes entidades. Todos têm algum preconceito sobre alguma coisa, mesmo que esteja implícita em nossas ações, é uma coisa que não é inata, mas adquirida conforme o tempo. Mesmo que seja inevitável que deixemos de formar a nossa opinião, devemos acima de tudo ter respeito pelo próximo.

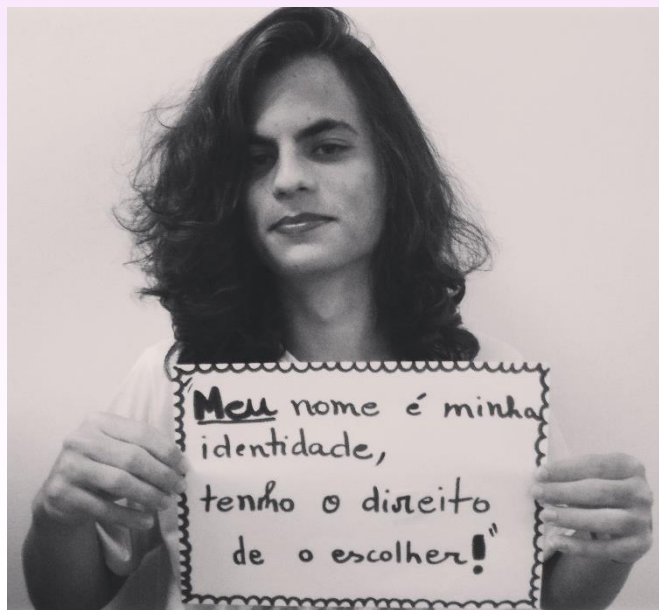
Arthur Rocha Vieira



T-A-B-U

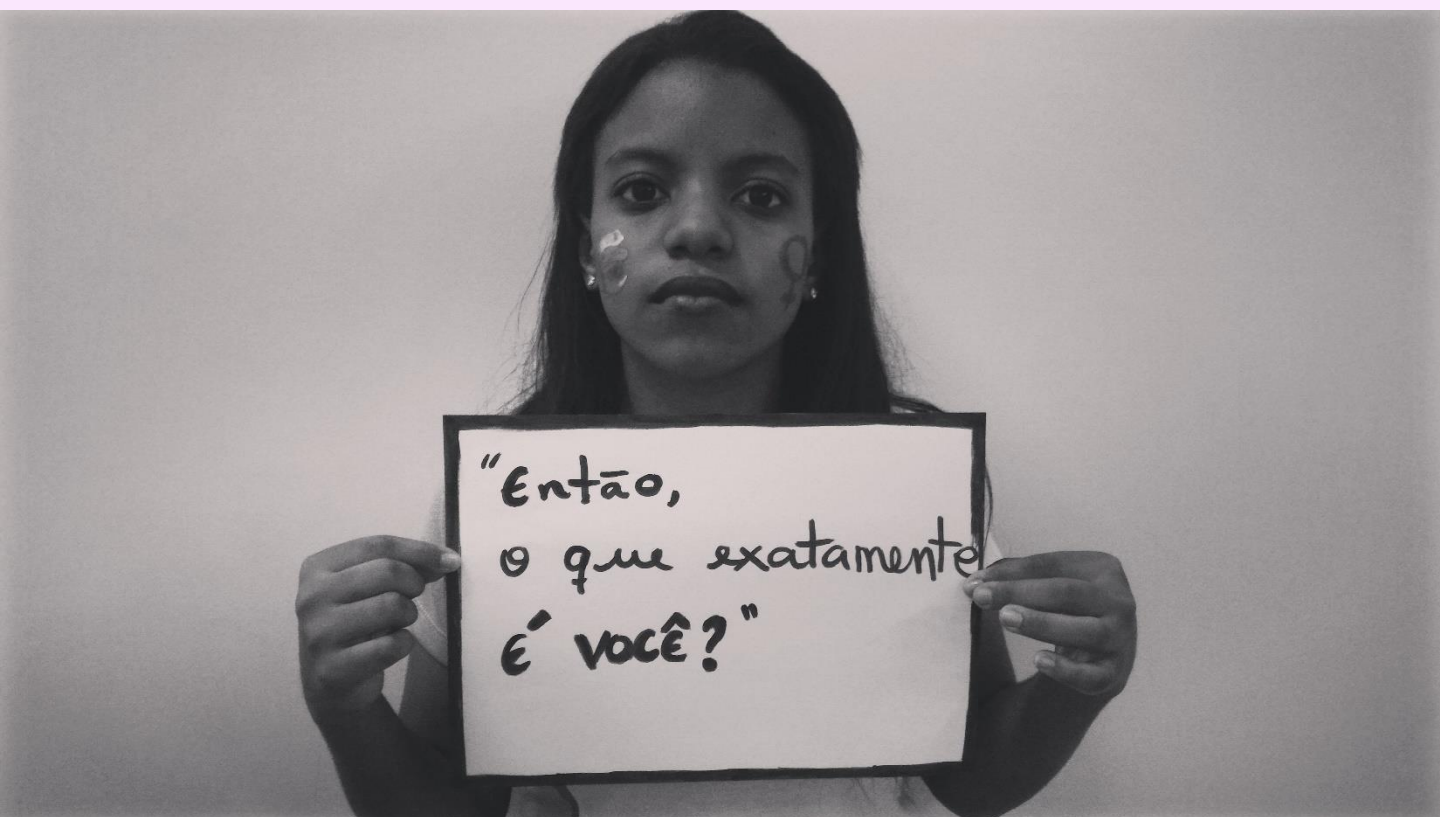
Poucas particularidades da vida sexual dos povos primitivos são tão estranhas como a exigência de intocabilidade da mulher. O alto valor que o pretendente confere à virgindade da mulher parece-nos tão natural que ficaremos quase perplexos se tivermos que oferecer razões para justificá-lo. A exigência de que a moça não leve para o seu casamento a lembrança de relações sexuais com outros homens nada mais é que a continuidade do direito de posse exclusiva que constitui a essência da monogamia. É a extensão desse monopólio para incluir o passado

Partindo daí não temos dificuldade em justificar o preconceito. O primeiro homem a satisfazer o desejo de amor de uma virgem será aquele que a prenderá num relacionamento duradouro. Essa experiência cria um estado de sujeição na mulher que garante que a posse dela permanecerá imperturbada e a tornará capaz de resistir a novas impressões e tentações estranhas.



A expressão sujeição sexual foi escolhida por Kraft-Ebing (1892) para descrever o fenômeno em que uma pessoa adquire um alto grau de dependência em relação a outra pessoa com quem mantém um relacionamento sexual. Em certas circunstâncias ela estende-se bastante, indo até a perda da vontade independente e levando a pessoa aos maiores sacrifícios de seus interesses. O autor, no entanto, não deixa de salientar que certa proporção dessa dependência “é absolutamente necessária se o laço for destinado a durar um período de tempo razoável”. Certa medida de sujeição sexual é indispensável para a manutenção do casamento civilizado e para manter afastadas as tendências à poligamia que o ameaçam.

Segundo Kraft-Ebing a formação da sujeição sexual decorre da associação de um “grau invulgar da condição de estar amando e da fraqueza de caráter de uma pessoa e do egoísmo sem limites da outra”. A experiência analítica, no entanto, não pode satisfazer-se com essa explicação simples. Podemos observar que o fator decisivo é a proporção de resistência que é vencida e que o processo de vencer a resistência ocorre apenas uma vez. Conquanto seja verdade que também ocorra



nos homens, este estado de sujeição é muito mais intenso nas mulheres. Parece que neles a sujeição sexual é uma resultante da superação da impotência psíquica, por meio de determinada mulher, de quem o homem permanece sujeito. Muitos casamentos estranhos e acontecimentos trágicos parecem ser explicados por essa origem.

Voltando à atitude de povos primitivos, é incorreto dizer que não atribuem valor à virgindade porque realizam o defloramento das moças antes do primeiro ato de relação marital. Ao contrário, para eles o defloramento parece que é matéria de tabu - de uma proibição que se pode descrever como religiosa. Em lugar de reservá-la para o futuro companheiro no casamento, o costume determina que ele se absterá de executá-la.

A prática de eliminar o hímen fora do casamento é muito disseminada entre as raças primitivas. Crawley diz que "essa cerimônia do casamento consiste na perfuração do hímen por uma pessoa designada que não o marido; é muito comum nos estágios mais baixos da cultura, especialmente na Austrália".

Vários fatores podem ser acrescentados para explicar o tabu da virgindade:

Quando uma virgem é deflorada, em geral sangra. A primeira explicação baseia-se no horror ao sangue existente entre as raças primitivas que o consideram como a origem da vida. Um tal tabu a respeito do sangue existe também em outros assuntos que não a sexualidade. Ele constitui uma das razões da proibição de assassinar que é uma proteção contra a antiga sede de sangue, o prazer primitivo do homem ao matar. O tabu da virgindade se relaciona com o da menstruação, ainda conservado. Os primitivos associam o fluxo mensal de sangue com idéias sádicas. As menstruações, especialmente a primeira, são interpretadas como resultando da mordida do espírito de um animal ou de relações sexuais com esse espírito. Em geral, atribui-se esse espírito a um antepassado. A menina que menstrua torna-se tabu porque é vista como propriedade desse espírito. Mas não devemos superestimar esse fator porque nas culturas primitivas existem outras práticas que, ao contrário, envolvem o derramamento de sangue.

O homem primitivo é vítima de uma contínua apreensão, tal como a que existe nas neuroses de angústia. Esta apreensão se torna mais intensa em todas as ocasiões que envolvam alguma coisa que difere do habitual e que seja inesperada, não compreensível, misteriosa. É essa também a origem das práticas cerimoniais adotadas nas religiões em relação com o começo de qualquer novo empreendimento [Dos chamados “ritos de iniciação”, tão comuns entre os primitivos]. Os perigos imaginados pelo homem ansioso nunca são tão intensos quanto no limiar de uma nova atividade e essa é, de fato, a única oportunidade em que se proteger traz alguma ajuda. A primeira relação sexual requer essa proteções. Essas duas explicações - o horror ao sangue e o medo dos primeiros acontecimentos - se reforçam mutuamente. A primeira reação sexual é um ato perigoso – sobretudo se envolver sangramento.

O tabu da virgindade é apenas mais um dos que envolvem a vida sexual. Não é apenas o primeiro coito que é tabu, mas todas as relações sexuais. A mulher não é tabu apenas em situações especiais - menstruação, gravidez, parto e puerpério. Todas as relações sexuais são envoltas em solenes restrições, mesmo entre os selvagens. Em ocasiões especiais a sexualidade dos selvagens pode sobrepujar as inibições, mas em geral não é assim. Sempre que o homem vai partir para um empreendimento especial - caça ou uma campanha, deve evitar o contato com mulheres para que isso não lhes tire a força e traga má sorte. Em algumas tribos as mulheres vivem com mulheres e os homens com homens e nem podem pronunciar em voz alta o nome dos membros do outro sexo e mesmo os encontros entre marido e mulher têm de ser realizados fora de casa, às escondidas.

Sempre que o primitivo estabelece algum tabu é porque teme algum perigo e, assim, não se pode contestar que exista um receio generalizado às mulheres. Talvez isso se deva a que a mulher seja diferente do homem, eternamente incompreensível, estranha e misteriosa e hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher e mostrar-se, ele próprio, incapaz. O fato de que o sexo descarrega tensões e causa flacidez pode ser o protótipo do que ele teme da mulher. Tudo isso parece sobreviver ainda.





VIÉS INCONCIENTE

Um menino negro espera o pai sair de uma loja, sentado na vitrine, do lado de fora, quando é expulso por uma funcionária.

Um menino deficiente estava na pizzaria no Rio de Janeiro, quando foi ignorado pelos garçons que estavam distribuindo pratos, até que um dos garçons se dirigiu até a mesa e disse: "Ele vai comer??".

Um grupo de amigos marcaram de se encontrar na praça, quando de repente são abordados por Policiais, dizendo que são "suspeitos", no entanto só foram revistados os que possuíam dread-locks.

Um rapaz caminha naturalmente pela rua, quando um grupo de homens se aproximaram e começaram a espancá-lo, até a morte. O motivo? Era homossexual.

Um menino negro espera seus pais efetuarem uma compra em uma concessionária. Quando enjoa de esperar e sai da sala de recreação e vai ao encontro de seus pais, é abordado por um funcionário que disse: "Saia, aqui não é lugar para você".

O que essas pessoas têm em comum? Todas estavam em um lugar onde se viram com características únicas em relação às pessoas que as cercam! Fazendo-os reféns da opinião alheia.

Mas como se forma essa opinião se forma? Como todos possuem essas "opiniões"?

Em uma recente matéria da revista Galileu, uma pesquisa aponta que o preconceito é difundido por um fenômeno chamado unconscious bias, traduzido para o português: viés inconsciente.

O viés inconsciente, é atribuído por estereótipos sobre determinado grupo com determinadas características. Esses estereótipos são atribuídos ao cérebro a partir de situações do dia a dia, como se vive em uma sociedade racista, infelizmente todos nós somos racistas.

Nosso cérebro toma várias decisões, algumas rápidas, outras lentas, o Inconsciente influencia em ambas, porém, essa influência se torna mais incisa quando se trata de decisões rápidas. Então se estivermos na

rua, a primeira impressão será influenciada pelo Inconsciente.

De acordo com o neurocientista indiano S. Ramachandran: sua consciência responde só por 10% daquilo que acontece em seu cérebro (esse conteúdo varia, numa constante migração entre o que fica no consciente e no seu "subterrâneo"). A porcentagem pode até ser generosa, na opinião do psicólogo Marco Callegaro, autor do livro "O Novo Inconsciente", "Estimativas que medem o processamento de informações em bits apontam o inconsciente como 200 mil vezes mais rápido e potente que o consciente", afirma. Além disso, o inconsciente determina o seu comportamento e a maior parte de suas decisões.



Foto de S. Ramachandran.

Fonte: <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=945>

Para o neurologista austríaco Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, o inconsciente é nada mais do que a soma de nossas memórias, é um depósito infinito de experiências de vida. Porém, muito além de arquivá-las, ele ainda as associa, num processo que foge à nossa compreensão.

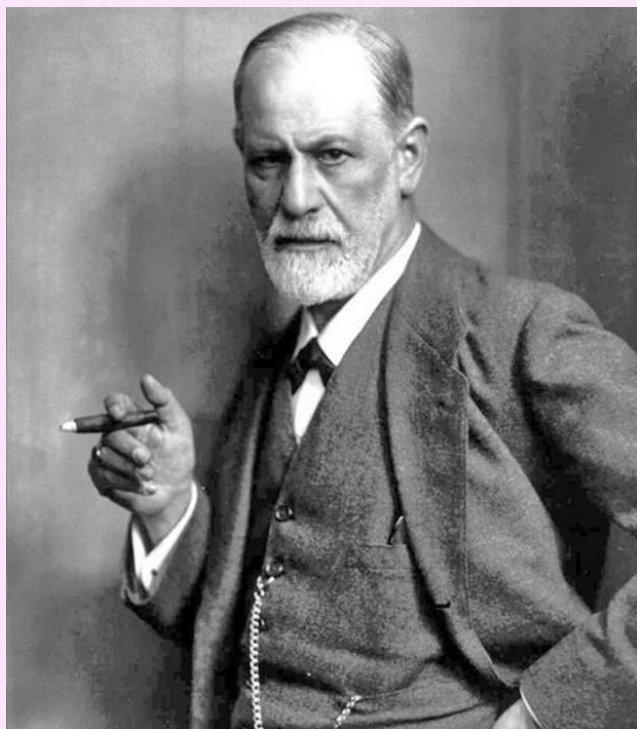


Foto de Freud.

Fonte: <http://horoscopovirtual.uol.com.br/artigos/o-que-e-o-deslocamento-no-sonho-para-freud>

Nosso cérebro é programado a armazenar informações no Inconsciente, por meio processos neurais e cognitivos, isso se torna algo de nossa natureza. Porém, quando a partir das diferenças se forma uma intolerância, teremos racismo.

Mesmo no Brasil, país considerado de grande diversidade, o racismo é um problema, e como vimos está dentro de cada um, como diz Daniel Carneiro "Só avançaremos quando as pessoas pararem de tratar o assunto como um problema alheio". É de extrema importância nos policiarmos, ter consciência, pois ao praticar racismo, estamos também influenciando outras pessoas pelo Inconsciente.

-- Antonio Franklin Lopes de Oliveira

ENTREVISTA

Para falar mais sobre o tema abordado na revista convidamos Ana Paula Souza que é bacharela em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora e graduanda de Ciências Sociais na mesma instituição. Eis a entrevista com a convidada:

1. A mídia nos últimos anos tem excluído muitos casos de violência á homossexuais e também casos de homofobia. Na sua opinião a violência atinge toda comunidade LGBT indiscriminadamente ou a mais alguns nichos específicos do que outros?

“Acredito que precisamos entender que existem algumas possibilidades das vivências enquanto LGBT, obviamente o jovem gay ou a jovem lésbica de classe média sobre tipos específicos de discriminação, assim como xs jovens de periferia. Claro que temos os pontos que convergem, afinal todxs sofrem homofobia, que são aqueles pontos específicos da descriminalização. Existem algumas pesquisas antropológicas, as famosas etnografias, que trabalham a travestilidade e a homoafetividade em contextos periféricos e mostram uma “liberdade” sexual mais acentuada nesses espaços, é claro também que em um recorte de classes como esses é possível identificar a prostituição de travestis e transexuais em números devastadores em contextos periféricos. Podemos pensar também o exemplo, já que vocês falaram de mídia, das representações midiáticas desses personagens, o drama do homem branco, gay e rico ou de classe média a despeito da sexualidade exacerbada dos personagens gays negros e pobres, o rapaz que é manicure ou modista ou cabelereiro na favela e é tratado com “normalidade”. A menina branca da Zona Sul carioca qual não se furta de sua feminilidade a despeito da mulher nega masculinizada, mecânica e beberona no

subúrbio. Usar palavras como “liberdade” e “normalidade” não exprimem aqui julgamento de valor e não tenho a intenção de dizer que um grupo nesse aspecto é mais ou menos acometido a violência, principalmente porque precisamos destrinçar esse conceito de violência, afinal arrastar um indivíduo para um tratamento afim de cura sua homossexualidade também é violento, o interessante nesse raciocínio é perceber que existem nuances nas vivências desse grupo, e por mais que a sigla LGBT trabalhe com uma unidade (criando esse grupo), ela é incapaz de falar sobre todos esses e essas indivíduos.”

Deixo como provocação dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia entre os anos de 2013 e 2014 que mostram os piores estados para ser um jovem gay ou lésbica no Brasil, https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2014/12/piores_estados_brasil_2.jpg, isso nos garante o título mundial em número de homossexuais assassinados nesse espaço de tempo com 312 assassinatos. No Brasil a cada 28 horas um jovem LGBT é morto ou morta e esse mapa regional é elucidador quanto ao contexto dessa violência.”

2. A liberdade de escolha sexual vem sendo buscada e discutida há bastante tempo. Como você avalia a atuação do Estado Brasileiro nas três esferas de poder na garantia de direitos civis a comunidade LGBT?

“O Estado brasileiro nunca se colocou como pioneiro em políticas em prol da criminalização da violência contra os cidadãos e as cidadãs LGBT, mesmo a mídia mostrando uma visão mais progressista quanto ao tema, temos hoje um dos parlamentos mais conservadores dos últimos anos e sendo mesmo difícil digerir a informação um dos nomes mais frequentes nessa pauta é do deputado Marcos Feliciano, que também é pastor e apoiador da moral e bons costumes assumido, o que na cartilha do deputado exclui ser homossexual ou praticar a homoafetividade. O crescimento da bancada religiosa e sua interferência nas políticas de inclusão nos faz questionar a laicidade do Estado e perceber a fragilidade da representação de categorias como as de LGBT, mulheres, negros e assim por diante. É quase paradoxal pensar em uma mídia mais aberta ao tema ou a união estável legalizada em um cenário político tão tenso somado ao déficit de representação, o sociólogo da UFSCAR o Professor Doutor Valter Silveiro diz que mesmo praticando algo ou sendo a favor de algo sempre buscamos pelas posições politicamente corretas. Dessa forma chegamos aos números como 80% de pessoas contra o aborto, mesmo elas já tendo até abortado, ou 59% da população sendo contra a união estável entre pessoas do mesmo sexo.”

3. Recentemente o Papa Francisco I declarou que uma pessoa pode ser homossexual e viver em comunhão com a igreja, portanto que não pratique o homossexualismo. Qual a sua opinião sobre essa atitude?

“É uma pergunta difícil para mim, mas bem, acho que como indivíduo cada uma vive da forma que melhor lhe convém, mas temos todo um discurso de poder entrelaçado as instituições religiosas que ferem o que seria essa ideia do livre arbítrio, espero estar sendo compreendida. Os discursos de poder muito debatidos por Micheal Foucault nos dizem, aqui de forma bem geral, com uma análise entre discurso, censura e instituições que “O poder censura os discursos, não permite que qualquer idéia venha à tona, mas tão-somente permite a manifestação daquelas idéias que estão de acordo com as relações de poder instituídas em uma determinada sociedade. Além disso, o discurso reproduz o poder, tem um caráter mobilizador” (pequena análise de Nildo Viana). Ou seja, por mais que a igreja “entenda” a sexualidade a prática indo contra o que se é defendido pela instituição, logo é repudiada. Façamos aqui um exercício: podemos ser muitas coisas, mas o que faz de nós algo é a prática disso, eu não posso ser lésbica sem viver isso socialmente, a sexualidade nesse caso é tão existente como um católico não praticante. Como diria a filósofa Judith Butler, tudo é uma questão de performance, mas quando não existe performance como fica?”

4. Qual seu prognóstico para as próximas gerações LGBT?

“Pensar um futuro das gerações LGBT me tem um sabor agri-doce, é difícil medir como isso pode se dar em um cenário mundial. Entendemos os inúmeros avanços da pauta no contexto estadunidense, mas o ocidente tem o trágico costume de olhar só para o seu umbigo,

e quando falo de ocidente me limito a um pequeno número de países, que são aqueles que ditam costumes, capital cultural e econômico, como já descrito pelo autor americano Sahlins. Assim, vou elencar algumas barbáries que ainda ocorrem. Mulheres lésbicas no oriente médio (aqui generalizando, por não me lembrar o nome exato dos países que praticam essa política) são estuprados por inúmeros homens quando se prova atos de homossexualidade, a mesma penalidade é encontrada em alguns países da África, na Rússia existe lei que pune comportamentos homossexuais, sendo essa punição não somente aplicada pelo Estado, ou seja, se um jovem gay for assassinado por um civil sob a alegação de conduta homossexual, logo esse civil está livre. O esses três cenários

tem em comum, essas punições são legitimadas pelo Estado.

Em um prospecto eu prefiro acreditar que para as futuras gerações o cenário será, de fato será, mais acolhedor. Não estou falando aqui da mídia apenas, precisamos entender que o contexto de violência é muito mais complexo, no Brasil hoje não temos políticas que proíbam a homossexualidade, mas não temos também políticas que assegurem a população LGBT de preconceito e violência, o que no lavar das mãos é ser conivente com o massacre que acontece principalmente no norte brasileiro.”



A GAROTA DINAMARQUESA

Gênero: Drama

Ano: 11 de Fevereiro de 2016 (BRA)

Classificação: 12 Anos

“*The Danish Girl*”, baseado no livro homônimo de David Ebershoff, conta a história de amor de Einar e sua esposa Gerda, ambos famosos pintores dinamarqueses. Tudo começa quando Gerda sugere que Einar seja sua modelo corporal feminina para uma de suas pinturas. No entanto, ao provar o vestido, Einar desperta em si um sentimento que em toda a sua vida esteve reprimido. Com vergonha de se expressar, ele guarda para si, mas não por muito tempo, a vontade de vestir a sua verdadeira face, até o momento que passa a se chamar Lili. Esta extraordinária história é um marco na luta LGBT, pois Lili foi a primeira mulher transexual a fazer sua transição de gênero cirurgicamente no mundo, isso em 1930. Com condições precárias e uma medicina não aprimorada.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO

escrito e dirigido por DANIEL RIBEIRO

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO

Gênero: Drama

Ano: 2014 (BRA)

Classificação: 12 Anos

O longa brasileiro inspirado em um curta-metragem retrata os acontecimentos na vida de um jovem chamado Leonardo, tais como o seu relacionamento com familiares, amigos e sua inclusão social e amorosa. No entanto, Léo não é como um jovem qualquer. Apesar de suas dificuldades, ele sempre foi determinado e com vontades próprias o que lhe ajudou muito a lidar com atritos na escola, mas em casa isso só lhe causava desconforto por ter uma mãe extremamente protetora. Com esse seu instinto independente, Léo, assim como qualquer adolescente, se encontra num dilema entre descobrir seu lugar no mundo e dar o primeiro passo a fim de explorar sua sexualidade, livre de qualquer intolerância e preconceito, tornando-se finalmente, Leonardo do qual ele se orgulha.





MENINOS NÃO CHORAM

Gênero: Drama / Biografia

Ano: 1999 (EUA)

Classificação: 18 Anos

O emocionante “Meninos não choram” conta a biografia de Brandon, um jovem de 20 anos do interior do Nebraska. Ele nem sempre foi Brandon e sim Teena Brandon quando nasceu, e sempre se esforçou ao máximo para se tornar homem, mesmo não tendo renda para uma transição de gênero. No início dos anos 90, no interior dos EUA, onde ainda estava em voga ideais conservadores, intolerantes e machistas, assim, as mulheres eram tratadas como objetos sem voz e os homossexuais como aberrações ou até doentes. Nessa história real, Brandon luta incansavelmente do começo ao fim contra todo esse preconceito, sofrendo atrocidades, nos seus ideais.





ORANGE IS THE NEW BLACK

“Orange Is The New Black” é uma série dramática que retrata a vida de criminosas em uma penitenciária feminina, abordando temas como homossexualidade e abusos por parte de guardas.

Classificação: 18 Anos



RUPAULS DRAG RACE

“RuPauls Drag Race” é um programa no formato reality show, no qual Drag Queens competem em uma gincana e são testadas habilidades de canto, dança, costura, talento, personalidade e humor.

Classificação: 14 Anos



DOCUMENTÁRIO SUGERIDO



“Tabu Brasil: Mudança de sexo no Brasil.” O documentário retrata as dificuldades e os preconceitos que os entrevistados enfrentam, como o fato de terem que submeterem-se a cirurgias não autorizadas e precárias, fora do país, e podendo sofrer complicações de saúde ou até a morte.

BLOGS E YOUTUBE

Nesse mundo tecnológico, não podemos nos limitar apenas a filmes e séries, mas também temos que abrir portas a blogs e canais no Youtube, compartilhando ideias, sugestões, apoiando uns aos outros formando assim uma só luta contra o preconceito e a intolerância. Abaixo temos alguns blogs, desde orientações médicas hormonais, a mudanças de vida, conselhos sobre como revelar o seu interior, humor, maquiagens e tags diversas.

- ✿ aligagay.com.br/
- ✿ vanessa.in/
- ✿ transadolescente.blogspot.com.br/
- ✿ becomingbernardo.tumblr.com/
- ✿ blogueirasnegras.org/author/maria-clara-araujo/
- ✿ Canal YT “Mandy Candy”
- ✿ Canal YT “Canal das Bee”
- ✿ Canal YT “Para Tudo ”

PARA SABER MAIS, CONHEÇA:

DIVERSIDADE SEXUAL E INCLUSÃO SOCIAL

Descrição: “A Diversidade Sexual é um desdobramento da diversidade que integra a condição humana, manifestando-se através das orientações afetivo-sexuais e das diversas identidades de gênero. O preconceito, a discriminação e a intolerância contra as minorias sexuais continuam marcando presença na sociedade através da homofobia, inclusive por meio da intolerância religiosa. Estes atos de violência homofóbica, praticados de forma velada ou declarada, uma vez que contrários ao direito, devem ser amplamente combatidas. A inclusão social das pessoas LGBT é uma empreita a ser completada para que se concretizem a liberdade e a igualdade material. Pressupostos ideológicos e normativos do estado democrático e social do direito. Vencer a homofobia é promover a inclusão social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, e transexuais é um dos mais urgentes desafios que se impõem dos defensores dos direitos humanos.”

